

Perceval: o verdadeiro herói do Graal

Demétrio Alves Paz*

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo relacionar o mito literário do Graal à história de seu primeiro, e original, herói, Perceval. A nossa hipótese é a de que o Graal está ligado tanto ao romance de formação por contar uma história de amadurecimento quanto à viagem iniciática. Também consideramos a apropriação do mito do Graal pela Igreja Católica algo deliberado para divulgar os seus preceitos pelo Ocidente.

Palavras-chave: Graal Romance de cavalaria. Herói. Mito literário. Mito.

O Graal é mais do que um objeto, associa-se a um *locus*. O local do Graal é de difícil acesso, somente um escolhido pode chegar lá. Julius Evola vê o Graal como:

[...] o símbolo daquilo que acabou perdido e que deve ser reencontrado. Um homem deve fazer com que o Graal manifeste novamente as suas virtudes, e esse homem freqüentemente é também o cavaleiro que se sentará no 'lugar perigoso'.¹

Em outras palavras, "todos os textos do Graal contam uma busca"²; a personagem principal procura o Graal em diferentes lugares e, ao longo dessa busca, ela amadurece. Conforme Michel Zink, "o Graal é um mito literário; somente pode ser apreendido por meio de uma narrativa ou narrativas"³. Dessa forma, a nossa análise dá-se nas duas obras mais antigas que tratam do Graal: *Perceval*, de Chrétien de Troyes⁴, *Parsifal*, de Wolfram von Eschenbach⁵.

Perceval, ao contrário de outros heróis literários medievais: Artur, Lancelote, Beowulf, Rolando e Amadis é um total desconhecido do grande público leitor, porém a sua história está ligada a um mito muito famoso: o Graal. Independente da forma que o Graal assuma, pedra, taça ou cálice da Santa Ceia, as origens literárias do mito são ligadas à história de Perceval.

* Professor na FACCAT. Mestre em Letras pela UFRGS. E-mail: demetriopaz@yahoo.com.br

¹ *O mistério do Graal*. 2 ed. São Paulo: Pensamento, 1988, p.35.

² ZINK, Michael. *O Graal, um mito de salvação*. IN: BRICOUT, Bernadette. (org) *O olhar de Orfeu: Os mitos literários do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p.63.

³ *Ibid.*, p.65.

⁴ TROYES, Chrétien de. *Perceval ou o Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁵ ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. São Paulo: Antroposófica, 1995.

Esse fato é importante para o entendimento desse mito literário e da sua apropriação pela Igreja Católica durante a Idade Média⁶. Essa apropriação do mito do Graal deu-se, a nosso ver, pelo perigo que a instituição mais poderosa viu nesses textos literários. Isto é, a busca de uma identidade individual que Perceval realiza sem ajuda divina.

Nos diferentes textos a respeito do Graal, o sincretismo místico cristão e celta converge para as lendas arturianas na Idade Média. Nos dois textos mais antigos, de Chrétien de Troyes e de Wolfram von Eschenbach, a ênfase reside em uma história de crescimento e busca por maturidade. Dessa forma, assim como em contos populares e de fadas, há muitas provas, pois o herói deve ser humilde e persistente. Os dois textos são Romances de formação, pois ocorre uma viagem, uma iniciação por parte do herói. Percebe-se, também, neles o esquema do herói de Joseph Campbell. O Graal é um objeto não descrito, portanto, há uma busca: algo deve ser encontrado, mas ninguém sabe o que é ou onde procurar, pois o mais importante é o caminho a ser traçado pelo herói.

1 O simbolismo do Graal

Emma Jung e Marie Louise von Franz analisam a lenda do Graal do ponto de vista psicológico, contribuindo, assim, em nossa análise, para a elucidação de certos símbolos recorrentes nos textos do Graal. Franz, além de psicanalista, é também filóloga; ao analisar a etimologia da palavra graal, ela salienta que

[...] o cronista Helinandus deriva a palavra Graal do *gradale* ou *gradalis* latino, que significa uma bandeja um pouco funda ou um alguidar. O dicionário etimológico alemão das línguas românticas registra, para Graal, *greal* e *grasal* em francês arcaico, *grazal* em dialeto provençal, *grèsal*, um recipiente, bacia ou pote de madeira, barro ou metal, na antiga Catalunha. Hoje, usa-se ainda, no sul da França, *grazal*, *grazau*, *grial*, *grau*, para designar diversos recipientes; cabe aqui também o *grassale* francês, que equivale a tigela. A forma *grasal* costuma existir ainda hoje em alguns dialetos do sul da França.⁷

Vale aqui lembrar que é o do sul da França que a lenda do Graal espalha-se pela Europa.

O graal como recipiente é um símbolo comum em várias mitologias. Na mitologia celta, por exemplo, há vários caldeirões: de Bran, de Ceridwen e de Dagda são os mais famosos e fazem parte do *Mabinogion*⁸, a coleção de contos mitológicos celtas. Uma das virtudes do Graal, a de fornecer alimento

⁶ Ver minha dissertação de Mestrado para um maior aprofundamento desse tema. PAZ, Demétrio Alves. *Galaaz: A Cristianização do Herói do Graal*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

⁷ JUNG, Emma; FRANZ, Marie-Louise von. 2. ed. *A lenda do Graal do ponto de vista psicológico*. São Paulo: Cultrix, 1991, p.87.

⁸ GUEST, Lady Charlotte E. (translator). *The Mabinogion*. New York: Dover Publications, 1997.

em abundância, nos textos literários não é cristã, mas celta. Trata-se do caldeirão ou cornucópia de Dagda que possui o poder de “alimentar todos os homens da terra”.⁹

No texto anônimo português *A Demanda do Santo Graal*¹⁰, o Graal é o recipiente contendo o sangue de Cristo: “ele contém o que permaneceu vivo e a *substância da alma de Cristo*, isto é, o elemento a partir do qual a *sobrevivência mística do seu ser* é possível.”¹¹ Essa é a principal diferença entre a concepção de Graal nos romances. Em Chrétien e Wolfram, ele não está associado a Cristo. Também deve-se notar que a busca de Perceval pelo Graal é individual; já a da *Demanda* é coletiva, pois todos os cavaleiros saem em busca do cálice sagrado.

Além do Graal, as armas do herói também são simbólicas. Elas servem tanto para proteger quanto para atacar. Portanto, o seu simbolismo é ambivalente, pois nas mãos certas, elas fazem o bem e, nas mãos erradas, o mal. Nos romances do Graal, o cavaleiro, seja ele bom ou mau, aparece sempre portando espada e lança para atacar; armadura e escudo para defender-se.

O escudo e a armadura, as armas de proteção, servem também para reconhecer o cavaleiro. Se o escudo e a armadura são um sinal de reconhecimento, a espada será um sinal de eleição. Artur tornou-se rei ao tirar a espada da pedra. Ironicamente, é por meio da espada que a paz e a justiça são mantidas.

Outro símbolo importante nesses romances é o rei pescador (também chamado de rico pescador ou rei paralítico), o monarca de uma terra estéril, enferma, que necessita de um substituto. A terra, o povo e o rei esperam pelo substituto, mas esse deve ter atributos específicos e ser qualificado para exercer a função de rei do Graal.

O surgimento da lenda do Graal coincide com a Renascença do século XII. Franz e Jung denominam essa época de despertar espiritual do século XII. Segundo as autoras,

[...] essa necessidade de “ver a descoberto o santo mistério” faz parte, certamente, do grande despertar espiritual do homem ocidental, ocorrido naquela época e que se manifestava de modo tão impressionante em todos os terrenos. Os movimentos espirituais de escolástica, as obras de literatura profana, a arte e a arquitetura; no campo social, as fundações de conventos e ordens, as cruzadas, a cavalaria, e a *Minne* são testemunhos vivos do transbordamento e da elevação do espírito, cuja intensidade e multiplicidade de aspectos provavelmente não foram sugeridos em nenhuma outra época. Do florescimento dessa primavera do espírito participam os contos do Graal, que são também uma manifestação do despertar espiritual. E os relatos tratados aqui espelham

⁹ SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1993, p.130.

¹⁰ MEGALE, Heitor. *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1992.

¹¹ JUNG, op.cit., p.94.

igualmente, de forma nítida, o esforço de alcançar um entendimento mais claro da doutrina cristã e dos seus cultos e mistérios, nos quais os homens participavam com fé e com os quais estavam profundamente impressionados, sem, no entanto, entendê-los. À luz de tais fatos é compreensível que uma relíquia que continha o sangue de Cristo devia ter enorme numinosidade e que a lança pela qual fora levada a fluir o sangue do redentor adquirisse significado quase divino.¹²

Lembremos que foi no século XII que a universidade, as cidades, o comércio, a literatura e as outras artes floresceram.

2 O Romance de Cavalaria

Consideramos que o romance de cavalaria é tributário da canção de gesta pelo seu gosto pela aventura, pela guerra, pelos feitos heróicos, assim como é devedor da lírica trovadoresca pelo culto à mulher e ao amor, pelo menos em sua origem com Chrétien de Troyes. O autor francês é também o responsável pelo caráter místico do Graal, além de ter sido o primeiro a ligá-lo ao rei Artur e seus cavaleiros. Chrétien foi menestrel nas duas grandes cortes francesas de seu tempo: a de Champagne e a de Flandres. Maria, filha de Eleonor de Aquitânia, casou-se com Henrique I de Champagne e transformou sua corte num centro de cultura. Foi nesse ambiente cultural que Chrétien escreveu *Lancelote*. Sob a proteção de Filipe de Flandres, um grande incentivador das artes, o menestrel francês iniciou o seu *Perceval*. Supõe-se que o primeiro *Tristão e Isolda* tenha sido escrito por Chrétien, mas nunca foi encontrada uma cópia dessa obra¹³.

O romance de cavalaria surgiu na França, sendo sinônimo do romance cortês. Chrétien de Troyes é o criador do romance cortês com suas obras tendo como personagens principais Enéias, em *Romance de Tebas* e Alexandre, em *Romance de Alexandre*. No mesmo estilo do romance cortês, Chrétien começou a escrever sobre os cavaleiros do rei Artur, motivo por que esses romances ficaram conhecidos pelo nome de romances de cavalaria. Vale lembrar que ambos eram escritos em versos, somente a novela de cavalaria, surgida no século XIII, seria escrita em prosa. Da França, o romance de cavalaria espalhou-se por toda a Europa.

Chrétien de Troyes foi o grande autor do romance cortês. Como qualquer outro escritor medieval, principalmente de sua época, não se sabe muito a seu respeito. Nasceu, provavelmente, em Troyes em 1134, teve uma boa educação, pois conhecia Ovídio e foi seu tradutor. Infelizmente só são conhecidas seis obras dele. *Guilherme de Inglaterra*,¹⁴ obra da juventude, é inspirada na lenda de santo Eustáquio. Os outros cinco romances são os

¹² Jung, op. cit., p. 69-70.

¹³ No início de *Clíges, ou a que fingiu de morta*, Chrétien nomeia as suas obras e entre elas está "O rei Marc e Isolda, a Loura". In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 77.

¹⁴ TROYES, Chrétien de. *Guilherme de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.

primeiros a tratar do rei Artur e de seus cavaleiros: *Eric e Enide*,¹⁵ *Cliges, ou a que fingiu de morta*,¹⁶ *Lancelote, o cavaleiro da carreta*,¹⁷ *Ivain, o cavaleiro do Leão*,¹⁸ e *Perceval ou o romance do Graal*.¹⁹ Essa última é uma obra inacabada devido à morte do autor, mas que teve várias continuações por diferentes escritores.

Seguindo a mesma linha de Chrétien, Wolfram von Eschenbach escreve *Parsifal*²⁰, obra em que o Graal recebe um tratamento diferenciado daquele dado por seu antecessor. O herói de Wolfram, Parsifal, assim como a estrutura narrativa são muito superiores ao do seu homônimo francês. No romance alemão, o Graal é uma pedra e seu herói deve passar por um longo aprendizado para tornar-se apto a ser rei do Graal. Vários críticos, entre eles Otto Maria Carpeaux e Arnold Hauser,²¹ consideram Wolfram von Eschenbach o maior poeta épico medieval alemão, assim como a obra *Parsifal* é o primeiro romance de formação da literatura européia, entendido aqui como o romance “que trata do desenvolvimento de uma personagem, da infância à maturidade”.²²

A criação máxima dessa literatura foi, na nossa hipótese, a personagem Perceval, que representa um ideal de conduta. Ele simboliza o homem medieval ocidental que procura o seu próprio caminho, supera todos os desafios e, no final, alcança seu objetivo: conquistar o Graal. Ele possui algumas características marcantes: humildade, sinceridade, lealdade, perseverança e ingenuidade.

Nos dois primeiros textos a respeito do Graal, o herói é Perceval, um homem comum que deve merecer o Graal pelo seu esforço e dedicação. Ele deve superar duras provas: derrotar bravos e valentes cavaleiros, salvar donzelas e, acima de tudo, ter paciência para agüentar cinco anos até estar pronto para voltar ao castelo do Graal. Perceval deseja o Graal acima de tudo e fará de tudo para obtê-lo.

Antonio Prieto elenca dois tipos de personagens: tipo e símbolo. O primeiro tipo seria aquela personagem que “sofre com o tempo um desgaste de sua realidade que pode levá-lo a ser entendido como irreal (e incompreendido) por leitores que vivem muito tempo depois da época em que o emissor compôs a obra.”²³ O segundo,

¹⁵ TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Idem, *Lancelote, o Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

¹⁸ Idem, *Ivain, o Cavaleiro do Leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

¹⁹ Idem, op. cit, 1992.

²⁰ ESCHENBACH, Wolfram von. op. cit.

²¹ HAUSER, *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995; CARPEAUX, Otto Maria. *A Literatura Alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

²² CORP, Hendrik van et alii. *Dictionnaire des tèmes littéraires*. Paris: Honoré Champion, 2001, p. 425. (tradução de Ana Mello)

²³ PRIETO, Antonio. *Morfologia de la novela*. Barcelona: Planeta, 1975, p.46. (tradução nossa)

[...] a personagem símbolo busca (de modo análogo à personagem de fusão mítica) sua formação em constantes humanas que, direta ou indiretamente, a levam a vencer os incidentes da cronologia do emissor para situá-la em qualquer tempo (e freqüentemente lugar).²⁴

Notamos, nos dois romances estudados, isto é, em Chrétien e Wolfram, que Perceval é uma personagem símbolo, pois o leitor moderno pode identificar-se ele. Após termos falado a respeito do simbolismo do Graal, dos romances de cavalaria, ressaltando seus aspectos formais e temáticos, tratemos agora do Graal e de seu herói.

3 Perceval²⁵, a biografia de um cavaleiro

O primeiro herói do Graal foi Perceval e, ao contrário do que se pensa, a ênfase da história reside no seu percurso, não no Graal. Há um vasto ciclo de material escrito sobre Perceval, além das duas obras aqui estudadas. Em Perceval, o que realmente importa é o seu caminho, seu crescimento espiritual. Por esse motivo, Otto Maria Carpeaux considera o *Parsifal*, de Wolfram Von Eschenbach o primeiro *Bildungsroman* (romance de formação). Esse tipo de romance é, nas suas palavras, “o caminho de um homem pela vida em busca de si mesmo”.²⁶ Isso quer dizer que o personagem deve procurar o seu verdadeiro eu. Essa procura não será fácil e, muito menos, rápida. São necessários vários anos para que a personagem encontre o seu lugar no mundo.

Em nossa análise da trajetória do herói, seguiremos o esquema proposto por Joseph Campbell em seu livro *O Herói de Mil Faces*²⁷, o qual é dividido em três etapas: a partida, a iniciação e o retorno, havendo algumas subdivisões para cada parte. Recuperaremos aspectos mais importantes da história de Perceval, seguindo a proposta acima, e, depois, analisaremos alguns episódios do romance.

A *Partida* inicia no momento em que o herói recebe o “chamado da aventura”; esse ocorre quando ele contempla a cavalaria e sente o desejo de se tornar um cavaleiro. Sua mãe, ao saber disso, tenta induzi-lo à “recusa do chamado”, visto que não quer que ele parta e, para tanto, veste-o com roupas de palhaço, para que ele fosse mal-recebido e assim voltasse para casa. Não é isso que ocorre, entretanto. O herói, em seu caminho, encontra sua

²⁴ Ibid., loc. cit. (tradução nossa)

²⁵ Utilizaremos somente o nome Perceval para nos referirmos às três grafias do nome da personagem (Perceval, Parsifal e Persival), pois esse é o nome dado à personagem por Chrétien de Troyes. Sendo o texto francês o mais antigo, daremos preferência ao nome dado por ele. Contudo, utilizaremos as outras grafias quando assim aparecerem nas citações dos romances.

²⁶ CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978, p.180. Vol.1.

²⁷ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

prima que lhe revela seu nome verdadeiro: Perceval. Antes, ele era apenas chamado de *bon fils, cher fils, beau fils*, bom filho, querido filho, belo filho. Chegando à corte de Artur, encontra-se com o Cavaleiro Vermelho e admira a sua armadura. Depois, fala com o rei e pede que o consagre cavaleiro, o que o rei faria de boa vontade, no dia seguinte. O herói requisita a armadura vermelha. Kai, o Senescal, sempre maldoso, diz que Perceval pode ir pegá-la. O herói mata o Cavaleiro Vermelho e cumpre a “*passagem para o primeiro limiar*”, pois assume, aparentemente, outra personalidade, já que suas roupas de palhaço estão cobertas pela armadura. Porém, somente a armadura não é o bastante para torná-lo um cavaleiro. Perceval somente se tornará cavaleiro após receber uma educação para tal, e isso constituirá o próximo estágio.

A *Iniciação* desencadeia-se quando Perceval encontra Gurnemanz, um nobre que perdera três filhos e tinha uma filha, Liaze. Esse cavaleiro será o *auxílio sobrenatural*, o qual, de acordo com Campbell, é “uma figura protetora (freqüentemente, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se”.²⁸ Gurnemanz serve de auxílio, pois educa Perceval ensinando-o a como usar lança, escudo e espada, os seus amuletos protetores da jornada. Também o ensina a não fazer perguntas desnecessárias, o que mais tarde será motivo de sua danação. A partir da saída dele da casa de Gurnemanz, inicia o *caminho de provas*. O herói encontra um castelo sitiado, combate com dois cavaleiros: Kingrun, o Senescal, e Clamides, o Rei. Ambos, vencidos, são mandados à corte de Artur para se submeterem às ordens do rei. Nesse castelo, salvo por nosso herói, ocorre seu *encontro com a Deusa*. A princesa que lá mora chama-se Condwiramurs e apaixona-se por Perceval, do mesmo modo que é correspondida. Casam-se por amor. Segundo Campbell: “O encontro com a Deusa (encarnada em toda mulher) é o teste final do talento do qual o herói é dotado para obter a benção do amor (caridade: *amor fati*), que é a própria vida, aproveitada como invólucro da eternidade”.²⁹

Apesar de todo esse sucesso, derrotar inimigos, conseguir uma esposa e um reino, Perceval quer mais, pois ele sente falta de suas aventuras e de sua mãe, a quem deseja reencontrar.

Saindo de seu castelo e vagando por terras desconhecidas, Perceval chega ao castelo do Graal. O herói assiste à procissão do Graal, mas nada pergunta, como lhe foi ensinado por Gurnemanz. Acorda pela manhã no castelo do Graal e, não vendo ninguém, parte, então, em busca de alguém que lhe responda sobre o que presenciou. Na sua nova busca encontra, uma vez mais, sua prima, que lhe revela o que perdeu. Perceval parte, outra vez, para novas aventuras, mas agora está abatido e sente saudades de sua esposa. Certa manhã, tendo presenciado a luta entre um falcão e um ganso,

²⁸ CAMPBELL, op. cit., p. 74.

²⁹ CAMPBELL, op. cit., p.119.

Perceval fica absorto em pensamentos. Ao ver três gotas de sangue na neve, lembra-se de *Condwiramurs*. Um pajem o vê e relata na corte que há um cavaleiro esperando por combate. Dois mostram-se dispostos a combatê-lo: *Sagremor* e *Kai*. Ambos são derrotados. *Galvão*, porém, reconhece em Perceval aquele que há bastante tempo Artur e sua corte procuravam. Agora Perceval alcançou a *apoteose*. É admitido na *Távola Redonda*, a elite da cavalaria. No ápice de sua fama na cavalaria acontece o inesperado: surge uma dama amaldiçoando Perceval por não ter salvado o *Rei Pescador*. O herói promete que não descansará até encontrar o castelo do Graal novamente. E sai em busca de seu objetivo, não sem antes amaldiçoar Deus e a cavalaria por terem feito com que passasse por isso. Passam-se cinco anos sem que Perceval lembre de Deus, até encontrar-se com *Trevrizent*, o Eremita (seu tio), o qual o aconselha a arrepender-se de seus pecados. O herói segue os conselhos do eremita que são a *benção última*. Agora ele está apto a retornar ao castelo do Graal. E, dessa forma, passamos para o último estágio.

O *Retorno* do herói é o momento em que ele arrepende-se sinceramente de seus pecados, seguindo seu caminho. Luta com *Galvão* e seu irmão *Feirefiz*, vencendo o primeiro e empatando com o segundo. A mesma mulher que antes o repreendera, agora o abençoa, pois ele foi o escolhido para ser o novo rei do Graal. Perceval, sua esposa e filho foram nomeados. Dessa forma, o cavaleiro torna-se o *Senhor dos dois mundos*: foi o melhor cavaleiro de seu tempo e o único digno de tornar-se rei do Graal. Em linhas gerais, é essa a história de Perceval nos dois romances homônimos. Analisaremos alguns episódios desses romances.

3.1 A análise da biografia de um cavaleiro em *Chrétien de Troyes* e *Wolfram von Eschenbach*

Ao encontrar quatro cavaleiros e enchê-los de perguntas, Perceval deseja tornar-se igual a eles. Não sabendo o que são, pergunta a um deles, que responde ser cavaleiro, e Perceval diz: “– Cavaleiro? Não conheço ninguém assim chamado! Nunca vi um, porém sois mais belo que Deus. Gostaria de parecer convosco, assim todo brilhante e afeitado!”³⁰

É esse desejo que incita outras perguntas sobre as armas e vestes do cavaleiro. No fim, Perceval quer saber quem faz cavaleiros e, ao ser informado que é Artur, decide ir procurá-lo e sai rumo à corte.

Dois principais características de Perceval são, nesse episódio, a curiosidade e a ingenuidade, características comuns a uma criança, o que Perceval é, de certa forma, devido à maneira como age. Essas duas qualidades lhe são tiradas e por isso não fará a pergunta redentora na primeira oportunidade. Ao sair de casa, Perceval toma seu primeiro passo

³⁰ TROYES, Chrétien de. *Perceval ou o Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.27.

em direção ao encontro de si mesmo, buscando sua maturidade. Porém, não sabia ainda o que o esperava.

Perceval é criado por sua mãe longe do mundo, numa floresta no País de Gales, para que não tivesse contato com a cavalaria. Desde pequeno, sua mãe lhe diz que Deus e anjos são as coisas mais bonitas que existem. Notamos o grau de religiosidade de sua mãe, mas não o do herói. Perceval vem de uma família nobre, apesar de ser criado como um homem simples. As armas que ele usa são o dardo e o bastão, armas não consideradas nobres. Por ser galês, sendo essa denominação sinônimo de rude, sem modos, educação, é tratado como bárbaro, selvagem pelos cavaleiros. Um deles diz: “ – *Sire*, saí com certeza que os galeses são por natureza mais loucos que bichos no pasto”³¹ Entretanto, os cavaleiros reconhecem o quanto ele é belo e de boa aparência. O líder deles exclama: “Ah, se me fosse dado ter tua aparência! Deus teria feito de ti uma obra perfeita se te tivesse distinguido igualmente com a razão”.³²

Antes de partir, a mãe de Perceval conta-lhe a sua ascendência nobre: “Jamais existiu cavaleiro de tão alto valor como vosso pai. E nenhum foi tão temido entre as ilhas do mar. Caro filho, podeis gabar-vos de não precisardes corar de sua linhagem nem da minha, pois sou nascida de cavaleiro, dos melhores da região”.³³ Em sua despedida, ela deixa clara a estrutura social feudal: filho de nobre é nobre, filho de pobre é pobre. Não há como fugir dessa estrutura da sociedade. Perceval foi criado longe da corte, mas isso não significa que ele não pertença a essa sociedade cortês, somente, não possui os hábitos refinados por ter sido criado como um camponês.

O herói recebe vários conselhos de sua mãe. Segundo ela, Perceval deve ajudar damas ou donzelas em perigo; se qualquer uma delas oferecer-lhe um presente, ele deve aceitá-lo e usá-lo. Perceval, entretanto, parece não ter compreendido os ensinamentos de sua mãe.

Ao encontrar uma dama dormindo, ele a trata grosseiramente. Beijando-a sem a permissão dela, toma o anel que ela usava, bebe e come tudo o que está na tenda. Depois disso, parte em busca de Artur. O amigo da donzela retorna e nota que alguém esteve lá. Ela conta o que aconteceu, mas ele não acredita. Pensando ter sido traído, o amigo impõe uma pena a ela: não trocará de roupa e usará o mesmo cavalo até que ele encontre aquele que lhe fez tal afronta.

Depois de falar com rei Artur e obter a armadura do cavaleiro vermelho, Perceval parte em busca de aventuras. A primeira delas que lhe ocorre é encontrar Gurnemanz. Perceval é instruído na arte da cavalaria por esse cavaleiro. Esse nobre ensina como aquele deve comportar-se em público para tornar-se um cavaleiro. Ele também ensina Perceval a portar

³¹ Ibid., p.28.

³² ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. São Paulo: Antroposófica, 1995, p.101-102.

³³ TROYES, op.cit., p.31.

escudo, lança, espada e guiar o cavalo.

A educação de um cavaleiro iniciava ainda na infância e durava vários anos. O aprendiz era primeiro escudeiro, somente depois poderia passar a ser cavaleiro, contanto que fosse nobre. Perceval, porém, torna-se cavaleiro em alguns dias. Gurnemanz reconhece que a cavalaria era inata ao jovem. O velho cavaleiro representa o legítimo homem probo, isto é, de valor, leal, prudente como nos mostra DUBY.³⁴ Dentre os vários conselhos e ensinamentos, o seguinte é um dos mais importantes para a história: “– Libertai-vos de vosso comportamento inconveniente. Abstende-vos de perguntas desnecessárias, mas quando alguém vos fizer perguntas astuciosas, reagi de pronto com uma resposta ponderada”.³⁵

Qual será o comportamento inconveniente? Quais são as perguntas desnecessárias? Como anteriormente dito, Perceval, mesmo sendo nobre de nascença, foi criado longe da corte, no meio dos camponeses. Talvez seja esse o seu comportamento inconveniente, visto que não é o cortês, exigido por Gurnemanz. Do mesmo modo, Perceval faz perguntas demais, sendo por isso censurado. Mais tarde será censurado por não ter feito uma pergunta, a necessária à redenção do rei do Graal. Mas como distinguir perguntas certas das perguntas erradas, se lhe foi ensinado que “quem fala demasiado pronuncia palavras que se transformam em loucura. Quem fala demais faz o pecado, diz o sábio”³⁶. Perceval deve perder a sua originalidade e adaptar-se ao estilo cortês. Como Arnold Hauser³⁷ deixou claro, na sociedade cortês literária a originalidade é rejeitada, pois há uma formalidade que deve ser seguida e respeitada nos costumes. Caso contrário, aquele que desobedecer às regras de conduta não será aceito na corte. A sociedade cortês dos romances é mais evoluída em modos, costumes e códigos de conduta do que a sociedade contemporânea a esses romances, seja inglesa ou francesa.

Após uma educação cortês, Perceval torna-se cavaleiro, pois aprendeu a portar armas e como se comportar. Gurnemanz, então, oferece-lhe a filha em casamento. E esse é o segundo momento de consciência, pois responde ao seu anfitrião:

– Senhor, sou ainda completamente inexperiente. Somente depois que me houver tornado um cavaleiro de verdade, e com algum direito puder aspirar ao amor, é que me dareis vossa filha Liaze, a bela jovem, em casamento.³⁸

³⁴ DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.152.

³⁵ ESCHENBACH, op. cit., p.126.

³⁶ TROYES, op.cit., p.46.

³⁷ HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.211.

³⁸ ESCHENBACH, op.cit., p.130.

Perceval reconhece que um homem deve ganhar algo porque merece, não porque lhe é oferecido e, assim, parte novamente em busca de aventuras. Deixando Gurnemanz, o herói passa por muitas dificuldades até encontrar um castelo, sendo sitiado por um poderoso inimigo. A rainha Condwiramurs tinha recusado-se a casar com o rei Clamides, por isso o seu castelo era constantemente atacado pelas tropas do rei e do seu senescal, Kingrum.

Perceval combate com Kingrum e o vence, enviando-o à corte de Artur. Da mesma forma, ele combate o rei Clamides e também o manda para o rei Artur. Nos dois romances homônimos, todos os cavaleiros inimigos são bravos e valorosos. Sempre, após o combate, o derrotado reconhece os méritos de seu oponente. O vencedor, nesse caso, Perceval, pede ao perdedor que se apresente ao rei Artur e que o rei disponha dele como lhe aprouver. Essa é uma das características da sociedade feudal: o cavaleiro é um vassalo e deve obediência ao seu senhor, que nesse caso é o rei, pagando o seu tributo com o seu esforço físico. Assim, Perceval é um vassalo de rei Artur.

Por ter salvado o castelo, Perceval ganhou o amor de uma esposa e um reino por merecimento. O amor de Condwiramurs por Perceval “era sólido e inabalável, e ela sabia-se amada pelo marido na mesma medida”.³⁹ Temos aqui casamento por amor, o que é uma exceção na época, visto que o casamento, na realidade, era um arranjo entre famílias, onde o amor não importava. O casamento era um contrato, uma imposição familiar, não uma opção. Esse seria o tipo de casamento de Perceval com Liaze. Desse modo, a literatura sentiu-se livre para inventar os amores verdadeiros, basta lembrar Tristão e Isolda. Wolfram representa o amor, quase da mesma forma que o concebemos atualmente, o que é um avanço no pensamento da sociedade ocidental. Para Denis de Rougemont⁴⁰ e Johan Huizinga⁴¹, o amor é uma invenção medieval.

Ao encontrar o castelo do Graal, o herói assiste à procissão do Graal maravilhado,

[...] mas sua educação cortês fez com que se abstinhasse de qualquer pergunta. Ensimesmado inquiriu de si para si: “Gurnemanz, que me estimava, recomendou-me de forma inequívoca que me abstinhasse de perguntas desnecessárias. Devo eu mais uma vez provocar uma situação de constrangimento, fazendo perguntas inconvenientes? Mesmo sem perguntar acabarei sabendo o que esta comunidade cavaleiresca tem de especial”.⁴²

A educação que a sociedade lhe impôs foi a causadora de sua desgraça, e depois quando for amaldiçoado dirá: “Daqui em diante serei

³⁹ ESCHENBACH, op.cit., p.154

⁴⁰ ROUGEMONT, Denis. *História do Amor no Ocidente*. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003.

⁴¹ HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisséa, 1956.

⁴² ESCHENBACH, op.cit., p.166-167.

um órfão da alegria, até que tenha uma vez mais o Graal diante de meus olhos. Este é meu firme propósito, e nele pretendo persistir pelo resto de minha vida”.⁴³

Um objetivo é estabelecido e ele buscará alcançá-lo de qualquer forma, e continua:

Se agora sou objeto de riso por parte de meus semelhantes apenas porque cumpro os preceitos do comportamento cavaleiresco, então devo concluir que tais preceitos são imperfeitos. O nobre Gurnemanz incutiu-me no espírito o desejo de ser cortês e de me abster de fazer perguntas indiscretas.⁴⁴

Outro momento de crescimento ocorre quando a mesma sociedade que lhe ensinou como se portar, julga-o por não ter feito aquilo que lhe foi ensinado a não fazer, isto é, abster-se das “perguntas indiscretas”. Porém, ao invés de discriminá-la, como lhe fizeram, ele demonstra amadurecimento e consciência de sua relação com essa sociedade de aparências, e responde: “Eu vos desobrijo de quaisquer compromissos de amizade para comigo até que eu tenha reconquistado o que minha imaturidade permitiu que percesse no nascedouro”.⁴⁵

Galvão, um experiente cavaleiro, e um dos principais heróis na tradição arturiana, ao ver que o jovem estava triste, tenta confortá-lo: “Estou certo de que irás superar todas as vicissitudes que obstruírem teu caminho. Que Deus te conceda boa sorte! A ele peço, que graças à Sua onipotência, me dê oportunidade de logo assistir-te em tudo o que for necessário”.⁴⁶

Perceval ao ouvir o nome de Deus diz:

Ah, quem tu imaginas que seja Deus? Se ele fosse de fato todo-poderoso e tivesse capacidade para manifestar essa onipotência, não nos teria imposto a uma situação tão desmoralizante. Na expectativa de Suas recompensas sempre Lhe fui leal e pronto para servi-Lo. Por isso, doravante, recuso-me a ser-Lhe servidor. Se Ele me quer mal, eu arco com as conseqüências. Amigo, se partires para a luta, não confies em Deus. Confia, antes numa mulher cuja pureza e bondade feminina estejam acima de qualquer dúvida. Seu amor será seu escudo e salvaguarda no combate. Não sei quando tornarei a ver-te, mas meus bons votos te acompanham.⁴⁷

Uma atitude herética essa do nosso herói, não? Desafiar Deus e arcar com as conseqüências. Há, além disso, uma desilusão, pois lhe foi dito que Deus sempre recompensava aqueles que fossem leais. Como isso não ocorreu,

⁴³ Ibid., p.217

⁴⁴ Ibid., loc.cit..

⁴⁵ Ibid., p.218.

⁴⁶ ESCHENBACH, op.cit., 218.

⁴⁷ Ibid., loc.cit.

mais vale o amor verdadeiro de uma mulher que também o ame. Notamos, outra vez, o ideal de amor cortês expresso na fala de Perceval, para quem o amor de uma mulher vale mais que a fé em Deus. Outra vez, Perceval parte.

Durante cinco anos, ele vaga em busca de aventuras até encontrar Trevrizent que o reconciliará com Deus. Esse encontro fará com que Perceval tome consciência de seus atos e arrependa-se do que fez, alcançando, desse modo, o seu objetivo. Reconhecemos, nesse encontro, o ideal cristão primitivo. Todo homem é pecador, mas há uma saída: acreditar. Vemos que Perceval está no mundo como um homem comum: peca - “esqueci Deus e minha fé e nada pratiquei além do mal”⁴⁸ - ; reconhece seu erro - “não pedi perdão e, que saiba, nada fiz para ser perdoado”⁴⁹ - ; é absolvido - “gostaria que permanecesses dois dias junto de mim e que em penitência tomasses do mesmo alimento que eu”⁵⁰ - e, no final, ganha a salvação - “arrependeu-se sinceramente, e então ficou em paz”⁵¹. Enquanto isto, o seu sucessor, Galaaz, não precisa desse crescimento espiritual, pois ele é o esperado, aquele que dará fim às aventuras do Graal. Percebemos como Perceval toma conhecimento de seu erro e arrepende-se de verdade. Vauchez considera que essa consciência do erro é muito importante para recompensa, pois: “A volta do espírito para si mesmo, a consciência que ele toma do seu erro e da ofensa feita a Deus têm mais importância do que as obras”.⁵² Aqui temos, novamente, uma das diferenças principais entre Galaaz e Perceval: consciência do que se está fazendo. Falta àquele o que esse possui. A densidade psicológica de Perceval, tanto em Wolfram quanto em Chrétien, não é encontrada na *Demanda*, pois o objetivo das obras é diferente. Nas duas primeiras o herói vai tomando consciência da sua tarefa. No texto português não há essa consciência. Além disso, o texto português está mais preocupado com valores cristãos do que com virtudes cavaleirescas.

Cundrie, a donzela que antes amaldiçoou Perceval, agora lhe diz: “Salve, ó filho de Gahmuret, pois Deus pretende mostrar-se indulgente contigo!”⁵³. Aquele Deus do qual ele cobrou recompensas, agora o recompensa em triplo, pois junto irão sua esposa e filho. Nas palavras de Cundrie:

Agora toma teu coração nas mãos e rejubila-te! Salve teu alto destino, ó apanágio da aventura humana! Leu-se na pedra que tu serás o novo soberano do Graal. Juntamente contigo foram convocados Codwiramurs, tua esposa e Loherangrim, teu filho.⁵⁴

⁴⁸ TROYES, op.cit., p.110.

⁴⁹ Ibid., loc.cit..

⁵⁰ TROYES, op.cit., p.112

⁵¹ Ibid., loc.cit.

⁵² VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p.170.

⁵³ ESCHENBACH, op.cit.,p.467

⁵⁴ Ibid., loc.cit..

Mas por que Deus quer recompensar alguém que serve ao amor de uma mulher? Simples, pois sua “boca, que não sabe mentir, deverá saudar o nobre e amável rei”.⁵⁵ Perceval, após percorrer a duras penas seu caminho, amadureceu e descobriu que deveria ser autêntico, não mentir e amar a sua mulher. Por isso, continua Cundrie:

Tuas privações terminaram (...) Tuas penas se desvanecerão. Mas evita excessos. Eles te excluíram da seleta comunidade, pois o Graal e sua força miraculosa rejeitam as pessoas sem autenticidade. Os sofrimentos ensombreceram tua juventude, mas a felicidade que agora está à tua espera afugenta-os para sempre. Tu conquistaste a paz interior e aguardaste a vinda da felicidade em meio a toda sorte de sofrimentos.⁵⁶

O herói precisou passar por longas provações e manter-se fiel ao seu propósito. Perceval soube ter autenticidade e buscou seu próprio caminho, adquirindo maturidade. Apesar de toda essa glória alcançada, o herói continua sendo humilde, tomando, assim, a consciência de seus atos. Eis as palavras de Perceval: “Ao tempo eu não tinha maturidade suficiente para o relevante papel que me fora destinado”.⁵⁷ Ao pensar por si, ele revela uma consciência individual muito profunda. Saiu de casa, foi ensinado como deveria agir na sociedade e descobriu que isso não era suficiente, casou por amor, percorreu seu próprio caminho e foi recompensado por Deus da melhor forma possível, pois Trevrizent revela: “vós conseguistes que Deus, por meio da Santíssima Trindade, cumprisse vossa vontade”.⁵⁸ O caminho de Perceval até o Graal é penoso. Ele deve enfrentar várias dificuldades para retornar lá, onde esteve uma vez por destino e deverá estar por mérito.

Podemos imaginar o que isso causou na Igreja. Um cavaleiro casado que, mesmo mostrando-se herético, conquista a glória máxima da época. Não nos admiremos de que o tema do Graal tenha sido cristianizado no século XIII, porém o seu principal herói, Perceval, não pôde ser tirado da história, devido a sua grande difusão e apreciação nessa época. Ele foi transformado num jovem casto e puro, conforme os ideais da Igreja.

Nos romances do Graal aqui estudados, notamos que há o tema da procura e da conquista espiritual interior, na qual o herói amadurece ao longo da história, visto que percorre um caminho de provas e privações, durante um longo tempo. Em *Perceval*, cinco anos se passaram até que ele cumprisse sua missão.

O primeiro herói do Graal representa o imaginário bretão, um imaginário guerreiro, heróico com raízes celtas e, portanto, europeu. Na sua história, ele é testado ao máximo. Perceval tem de vencer todos os grandes

⁵⁵ ESCHENBACH, op.cit., 467.

⁵⁶ ESCHENBACH, op.cit., p.467-468.

⁵⁷ Ibid., p.468.

⁵⁸ Ibid., p.479.

cavaleiros de sua época para ser digno de ocupar um lugar na Távola Redonda e conquistar o Graal. Temos, desse modo, um homem, e aqui um indivíduo, que se reconhece diferente dos outros, que luta contra a ordem social imposta, buscando o seu próprio caminho e que, no final, vence por méritos próprios. Ele está mais próximo do homem comum, pois como Emma Jung e Marie-Louise von Franz ressaltam,

[...] o herói mais humano é mais apreciado do que o nobre cavaleiro convencional, porque ser capaz de duvidar de si mesmo e, sozinho e inseguro, percorrer passo a passo o próprio caminho parece representar um esforço bem maior de conscientização do que seguir ingenuamente os ideais coletivos.⁵⁹

Perceval está mais próximo do imaginário celta e bretão pelo espírito individual. Um pesquisador de mitologia celta salienta que

[...] não podemos estranhar que a quase totalidade dos grandes protagonistas dos mitos célticos veja-se obrigada a empreender alguma viagem importante durante suas aventuras; em alguns casos, a própria viagem se constitui na aventura. Sempre é necessário entendê-lo como uma peregrinação pessoal do herói cuja meta é o que menos importa [...], já que o essencial é o conhecimento obtido com a excursão a outros lugares e como ele é aplicado e transmitido aos demais.⁶⁰

Por causa dessa viagem e da aprendizagem obtida por ela, as pesquisadoras alemãs viram na lenda do Graal, principalmente na figura do herói, o processo de Individuação. De acordo com elas,

[...] psicologicamente, a individuação significa um processo psíquico cujo objetivo é a diferenciação do indivíduo da psique coletiva e o desenvolvimento deste no sentido de uma personalidade individual.[...] o processo de individuação é também um processo de conscientização, que anda, por um lado, de mãos dadas com a discussão entre o indivíduo e o mundo e, por outro, entre o indivíduo e o seu mundo objetivo interior (o inconsciente).⁶¹

Perceval é um dos heróis mais humano que há nos romances de cavalaria: erra, acerta, duvida, acredita, arrepende-se, em suma, está sempre disposto a aprender. Ele precisa percorrer um longo caminho para alcançar sua consciência individual e usar o seu livre arbítrio para, a partir daí, estar apto a retornar ao castelo do Graal. Além disso, possui diferenças em relação ao código cortês presente nos outros romances, pois o romance reside em

⁵⁹ JUNG, Emma; FRANZ, Marie-Louise von. *A Lenda do Graal do ponto de vista psicológico*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 157.

⁶⁰ MAY, Pedro Pablo G. *Os Mitos Celtas*. São Paulo: Angra, 2002, p.20-21.

⁶¹ JUNG; FRANZ, op. cit., p.63.

seu amadurecimento, mais do que no seu amor. Além disso, o seu amor não é adúltero como o de Tristão e Lancelote, é o amor sacralizado pelo casamento, mas herético em relação à fé. Perceval faz o seu caminho apesar de Deus não estar ao seu lado.

O herói do Graal teve de crescer sozinho, pois foi criado solitário por sua mãe, sem contato com o mundo exterior. Não teve conhecimento prévio da cavalaria e da corte. Contudo, saiu-se bem ao tomar contato com ambas e mostrou-se digno delas. Na sua busca, o Graal fica localizado num local de difícil acesso, pois poucos são os que podem alcançá-lo. Perceval é esperado, porém perde a oportunidade e terá de chegar lá outra vez por esforço próprio. Ele consegue, pois reconheceu o seu erro. Para Gilbert Durand “esta aceitação de uma situação negativa vai provocar a reviravolta da situação: a recompensa”.⁶²

O tempo de elaboração do mito literário do Graal não ultrapassa cinqüenta anos. Nesse período, é elaborado um ciclo sobre o Graal e ocorre a sua apropriação pela Igreja. A difusão das obras foi rápida e compreende um grande espaço geográfico. Inicia na França, passa pela Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra. Em suma, toda a Europa feudal.

Na nossa interpretação, Perceval é o herói mítico, de raízes populares, por isso a sua aceitação e sua fama duradora, pois ele é universal. Todos podem identificar-se com ele pela sua humanidade. A raiz mítica de Perceval faz com que ele seja um herói com características humanas de fácil assimilação pelo homem comum. Assim sendo, Perceval tem um crescimento em seu percurso, pois o caminho do herói, tal como proposto por Campbell, é cíclico.

Mais do que buscar o simbolismo do Graal era necessário compreender o que ele significava para o herói do romance. Para Perceval, em Chrétien e em Wolfram, o Graal, mais do que uma relíquia sagrada, significava o amadurecimento do herói, o crescimento pessoal e individual. Esse crescimento, encontro com o si-mesmo, fez com que Emma Jung e Marie-Louise von Franz vissem na lenda do Graal o processo de individuação, no qual o homem encontra o seu próprio caminho.

Pode ser que a busca pelo próprio caminho, isto é, o descobrimento do indivíduo, tenha sido vista pela Igreja como um grande perigo. O homem medieval não podia pensar sozinho, ele deveria pensar conforme a Igreja mandava. Qualquer idéia original não ligada à Igreja devia ou ser apropriada por ela ou silenciada. Isso é o que ocorre com o mito do Graal nos romances posteriores.

Recebido em setembro de 2007.

Aprovado em outubro de 2007.

⁶² DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 365.

Title: *Perceval: the True Hero of the Grail*

Abstract

The aim of this paper is to associate the Grail literary myth to the story of its first and original hero, Perceval. We assume that the Grail is linked to the *Bildungsroman* as well as to the initiate journey. In the same way, we consider that the Catholic Church deliberately Christianized the Grail myth in order to spread its values throughout Western world.

Key-words: Grail. Romance of chivalry. Hero. Literary myth. Myth.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A Literatura Alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- _____. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978. Vol.1.
- CORP, Hendrik van et alii. *Dictionnaire des tremes littéraires*. Paris: Honoré Champion, 2001.
- DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESCHENBACH, Wolfram von. *Parsifal*. São Paulo: Antroposófica, 1995.
- EVOLA, Julius. *O mistério do Graal*. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 1988.
- GUEST, Lady Charlotte E. (translator). *The Mabinogion*. New York: Dover Publications, 1997.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisséia, 1956.
- JUNG, Emma; FRANZ, Marie-Louise von. 2. ed. *A lenda do Graal do ponto de vista psicológico*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- MAY, Pedro Pablo G. *Os Mitos Celtas*. São Paulo: Angra, 2002.
- MEGALE, Heitor. (ed.). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.
- PAZ, Demétrio Alves. *Galaz: A Cristianização do Herói do Graal*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. (Dissertação de Mestrado. Orientação de Ana Maria Lisboa de Mello)
- PRIETO, Antonio. *Morfologia de la novela*. Barcelona: Planeta, 1975.

ROUGEMONT, Denis. *História do Amor no Ocidente*. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

TROYES, Chrétien de. *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Yvain, o Cavaleiro do Leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *Guilherme de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.

_____. *Lancelote, o Cavaleiro da Carreta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. *Perceval ou o Romance do Graal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ZINK, Michael. *O Graal, um mito de salvação*. IN: BRICOUT, Bernadette. (org) *O olhar de Orfeu: Os mitos literários do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.